

Imersão pictórica em paisagens: a prática artística como experiência estética e formativa para artistas e artistas-professores

Inmersión pictórica en paisajes: la práctica artística como experiencia estética y formativa para artistas y artistas-docentes

Pictorial immersion in landscapes: artistic practice as an aesthetic and formative experience for artists and artist-teachers

Fabio Savicki ¹

Universidade do Estado de Santa Catarina

Jociele Lampert ²

Universidade do Estado de Santa Catarina

Marcelo P. de Lima ³

Universidade do Estado de Santa Catarina

Resumo: Esse estudo reflete a relevância da prática artística como elemento formativo essencial para artistas e artistas-professores em Artes Visuais. A discussão parte da experiência com as *imersões pictóricas* realizadas no âmbito da *residência artísticopedagógica*, vinculada ao Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke, projeto de extensão permanente da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Aqui, investiga-se como as ações desenvolvidas em grupo — ancoradas no fazer artístico em pinturas na paisagem, em processos individuais e coletivos de criação — constituem-se como campo de produção, pesquisa e criação de saberes para a formação artística e docente, mediante uma abordagem qualitativa, teórico-reflexiva e participante e fundamentado nas concepções de experiência estética de John Dewey e nas perspectivas de pesquisa artística. O artigo evidencia que a imersão na prática em pintura promove o entrelaçamento entre fazer artístico e ação pedagógica, contribuindo para a construção de singularidades docentes pela articulação entre processos poéticos e educativos.

Palavras-chave: prática artística; pesquisa artística; experiência estética; formação de artistas-professores; imersão pictórica.

Resumen: Este estudio refleja la relevancia de la práctica artística como elemento formativo esencial para artistas y artistas-docentes en Artes Visuales. La discusión surge de la experiencia con Inmersiones Pictóricas llevada a cabo en el ámbito de la residencia artísticopedagógica, vinculada al Grupo de Estudio del Taller de Pintura Apotheke, un proyecto de extensión permanente de la Universidad Estatal de Santa

¹ Doutorando e mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/Udesc). Graduado em Licenciatura em Artes Visuais pela Udesc. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: fabio.henschel@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5697-2592>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8056441618181371>.

² Professora titular do Departamento de Artes Visuais (DAV) e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/Udesc). Professora investigadora visitante no Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA), vinculado à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL/ULisboa). Doutora em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). E-mail: jocielelampert@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0963-0925>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7149902931231225>.

³ Doutorando e mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/Udesc). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Licenciado em Educação Artística pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: pereiralimal184@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1254-6049>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2469811129198102>.



Catarina (UDESC). Investiga cómo las acciones desarrolladas en grupo, ancladas en la práctica artística en la pintura de paisaje, en los procesos creativos individuales y colectivos, constituyen un campo de producción, investigación y creación de conocimiento para la formación artística y docente. A través de un enfoque cualitativo, teórico-reflexivo y participativo, y fundamentado en las concepciones de la experiencia estética de John Dewey y las perspectivas sobre la investigación artística, el artículo demuestra que la inmersión en la práctica pictórica promueve el entrelazamiento de la práctica artística y la acción pedagógica, contribuyendo a la construcción de estilos de enseñanza únicos a través de la articulación entre los procesos poéticos y educativos.

Palabras clave: práctica artística; investigación artística; experiencia estética; formación de artistas-docentes; inmersión pictórica.

Abstract: This study reflects the relevance of artistic practice as an essential formative element for artists and artist-teachers in Visual Arts. The discussion stems from the experience with Pictorial Immersions carried out within the scope of the artisticpedagogical residency, linked to the Apotheke Painting Studio Study Group, a permanent extension project of the State University of Santa Catarina (UDESC). It investigates how the actions developed in groups—anchored in artistic practice in landscape painting, in individual and collective creative processes—constitute a field of production, research, and creation of knowledge for artistic and teacher training. Through a qualitative, theoretical-reflective, and participatory approach, and grounded in John Dewey's conceptions of aesthetic experience and perspectives on artistic research, the article demonstrates that immersion in painting practice promotes the intertwining of artistic practice and pedagogical action, contributing to the construction of unique teaching styles through the articulation between poetic and educational processes.

Keywords: artistic practice; artistic research; aesthetic experience; training of artist-teachers; pictorial immersion.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho objetiva refletir e argumentar sobre práticas artísticas desenvolvidas no contexto da *imersão pictórica*, realizada no âmbito da *residência artísticopedagógica* idealizada e realizada pelo Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke (Geepa). O grupo integra o projeto de extensão permanente da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV), ambos sediados em Florianópolis, Brasil. Idealizado e coordenado pela professora titular Dra. Jociele Lampert, o Geepa conta com uma trajetória de mais de uma década dedicada ao ensino, à pesquisa e extensão, com ênfase na pintura e seus desdobramentos.

Na contemporaneidade, ganha destaque a compreensão da prática artística como um campo fundamental para a produção de conhecimento em Artes Visuais, por articular teoria e prática no próprio ato de fazer. A prática artística — e o fazer artístico — envolve todo um processo de exploração, conhecimento e corporificação dessa prática em propostas e obras de arte. Portanto, a prática artística também se configura em um processo de pesquisa — pesquisa artística, no entendimento de Bragagnolo e Sanchez (2022). O fazer artístico oportuniza formas de pensamento conceituais, simbólicos e metafóricos, por envolver elementos como flexibilidade, abertura e intuição. Trata-se de um processo de investigação que articula trabalho, experiência, conhecimento e criação, conforme Pereira e Sá (2021). Assim, é evidente reconhecer a prática artística como um espaço gerador de sentidos, onde saberes são mobilizados e construídos nos mais distintos meios e modos. Assim, tornam-se relevantes as discussões que ampliam a compreensão das práticas artísticas, tanto no âmbito poético e processual dos artistas quanto na formação docente em Artes Visuais, visto que a prática artística se constitui como fundamental no processo de ensino e aprendizagem em Artes Visuais, seja no âmbito da Educação Básica, seja do Ensino Superior. Elliot Eisner (2002) já destacava isso como fundamental no campo de ensino em arte, denominado como conteúdos próprios da arte, em que a produção artística na arte-educação ajuda a pensar de

maneira inteligente sobre a criação de imagens com força expressiva, coerência, discernimento e inventividade, ou seja, *pensar pela arte*.

Destaca-se, nesse contexto, o papel da prática artística quando articulada ao ensino, como ocorre no Geepa, que, desde sua criação, adota como princípio a integração entre o fazer artístico e a formação pedagógica à luz da noção de experiência estética formulada por John Dewey (1859-1952), filósofo e educador norte-americano, em sua obra intitulada *Arte como experiência* (Dewey, 2010). O grupo desenvolve, no espaço acadêmico, formas de pensar, agir e sentir pela experiência, que articulam práticas artísticas e pedagógicas. Suas ações são voltadas à formação inicial de estudantes dos cursos de licenciatura e bacharelado em Artes Visuais, promovendo o entrelaçamento entre criação e docência desde as primeiras fases da formação universitária, tendo a pintura como eixo centralizador.

Nesse contexto, busca-se compreender como as práticas artísticas constituem elementos fundamentais no campo das Artes Visuais, sendo igualmente relevantes para os processos de pesquisa e ensino na área. Essas práticas não se limitam à obra finalizada, mas se manifestam no percurso, no gesto em processo, no fazer que antecede e, muitas vezes, ultrapassa o produto final. Assim, a partir disso, valoriza-se o cultivo da prática artística tanto em sua dimensão individual quanto coletiva, como espaço de reflexão sobre o próprio ato de criar. Esse processo, entre experimentação e pensamento, revela-se essencial para a formação de artistas-pesquisadores e artistas-professores⁴, amalgamando processos de criação, reflexão e docência.

Dessa forma, a imersão pictórica configura-se como uma ação que oportuniza a experiência artística, em diferentes paisagens do estado de Santa Catarina (SC), no Sul do Brasil. A proposta é direcionada aos integrantes do Geepa e, particularmente nas três edições abordadas neste trabalho, foi realizada em diálogo com o artista residente Ivo Alexandre⁵, investigador de Portugal vinculado à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL/ULisboa), em Portugal.

A proposta busca acionar processos de reflexão e criação por meio da prática artística individual e coletiva, durante imersões pictóricas em paisagens catarinenses, permitindo reflexões e produções a partir da prática em pintura ao ar livre e do acionamento de processos de reflexão e criação, propiciando aos participantes um “mergulho” em suas próprias poéticas e na compreensão de como essas experiências contribuem para suas formações — seja como artistas, seja como artistas-professores. Ao longo deste artigo, enfatizam-se as contribuições e relevância da prática artística para a formação de artistas e artistas-professores, no contexto coletivo da imersão pictórica e da residência artísticopedagógica no ano de 2024.

Este estudo se fundamenta nas concepções teóricas que orientam as ações do Geepa, especialmente na noção de experiência estética formulada por Dewey (2010), como citado acima, a qual se revela central tanto para o campo das Artes Visuais quanto para os processos de ensino e aprendizagem nessa área. A experiência estética para esse autor relaciona-se à interação que temos com o meio, às interações entre a criatura viva (ser humano) e o contexto em que se situa. No campo da Arte, essa interação diz respeito ao modo como interagimos e criamos significados com as propostas e obras artísticas, bem como com a prática e o fazer artístico, estendendo-se também para os processos de ensino em Arte. Richard Shusterman (1998) argumenta que essa questão é fundamental no estudo de Dewey, além da experiência nas relações que possuímos com a Arte e com os objetos da Arte. Assim, o valor não estaria propriamente nos objetos, mas na dinâmica de experiência com eles, como espectadores e/ou artistas.

⁴ “Artistas-professores não são apenas Artistas que ensinam, muito além disso, o processo de pensamento artístico deles é incorporado dentro de vários elementos do processo de ensino” (Daichendt, 2016, p. 170).

⁵ Nascido em Lisboa, Portugal, no ano de 1974. Estudou Pintura na Sociedade Nacional de Belas Artes, dedicando-se às Artes Plásticas em geral. Durante vários anos, construiu um vasto currículo, fazendo adereços, cenários, efeitos especiais e visuais para muitas séries, novelas e variados programas de entretenimento em televisão. Fez inúmeras peças de teatro, cinema e publicidade. Tem sempre como prioridade o exercício da pintura e interessa-se por questões profundas, esotéricas e até metafísicas que, de alguma forma, materializam nas suas telas de forma intensa e poderosa. É estudante da FBAUL/ULisboa.



A relação da experiência estética com o fazer artístico, dentro do entendimento de John Dewey (2010, p. 109), se dá pelo fato de que as práticas artísticas, o fazer, acarretam experiências significativas quando a experiência é singular, ou seja, quando “o material vivenciado faz o percurso até a consumação”, o que lhe acarreta um caráter individualizador e, nas palavras do autor, uma experiência singular. Assim, a prática artística, compreendida como experiência estética, acarreta experiências vividas, a interação com o fazer e o ato de criação, além de outros aspectos em que esse fazer está inserido e relacionado, uma vez que se entende o campo da Arte não apenas as obras e propostas artísticas, mas um campo que envolve vários agentes que sustentam e fundamentam essa prática, (Shusterman, 1998). Em outras palavras, envolve todos e todas aqueles(as) que se encontram no campo da Arte, seja do(a) artista, curador(a) ao professor(a) de Arte. Nesse sentido, as práticas artísticas reverberam em trajetórias formativas, entrelaçando o fazer estético e o fazer pedagógico, a partir das relações e interações que temos com elas.

Interessa-nos refletir sobre como essa concepção sustenta as ações do grupo, gerando desdobramentos que ampliam as possibilidades de criar, ensinar e aprender. A experiência, enquanto aprendizado sensível, processual e reflexivo, torna-se, assim, o eixo que articula arte e educação na formação de artistas-professores, instaurando outras formas de presença e pensamento no campo das Artes Visuais.

Além da concepção de experiência estética, outros conceitos se revelam fundamentais para sustentar a argumentação e aprofundar a reflexão deste estudo, entre eles a compreensão da prática artística como forma de pesquisa. Reconhece-se, nesse contexto, o valor epistêmico do fazer artístico não apenas como produção de obras, mas como modo de investigar o mundo, gerar conhecimento e promover transformações formativas.

Destaca-se, ainda, a potência das residências artísticas enquanto dispositivos pedagógicos que favorecem tanto os processos criativos dos artistas quanto os percursos formativos dos artistas-professores, ao promoverem experiências compartilhadas, imersivas e reflexivas. Assim, sobressai-se a singularidade da residência artísticopedagógica do Geepa, que se diferencia por articular, de modo intrínseco, a prática artística à prática docente em Artes Visuais — tanto no âmbito da formação inicial quanto na trajetória contínua de seus integrantes.

A pesquisa fundamenta-se em revisão bibliográfica e se caracteriza como uma investigação de natureza qualitativa, pelo aspecto sociocultural. Essa abordagem permite a realização de análises interpretativas, valorizando tanto os dados quanto a atuação reflexiva dos(as) pesquisadores(as), que se posicionam como sujeitos implicados no processo investigativo. Trata-se, também, de uma pesquisa de campo, cuja metodologia se aproxima da pesquisa-participante, uma vez que os autores integram o objeto de estudo por meio de suas experiências, observações e práticas artísticas desenvolvidas no contexto do grupo de estudos. As imagens, rascunhos, desenhos, traços e manchas se constituem em dados não discursivos, enquanto descrições de ações, reflexões e escritos por parte do(a) artista e artistas-professores são dados discursivos, segundo Sylvie Fortin e Pierre Gosselin (2014). Esses elementos são fundamentais para o trabalho com as práticas artísticas e reflexão e produção de conhecimento no campo das Artes Visuais.

2 RESIDÊNCIA ARTÍSTICOPEDAGÓGICA: INVESTIGAÇÕES ENTRE PRÁTICA ARTÍSTICA E FORMAÇÃO DOCENTE

O Geepa atua dentro do espaço universitário, especificamente no ateliê de pintura, articulando aspectos conceituais e práticos e reconhecendo a experiência como elemento fundamental para o desencadeamento de processos de ensino e aprendizagem em Artes Visuais, guiados pela pesquisa e prática pictórica. Além dessa atuação voltada para o ensino da linguagem pictórica na graduação, o grupo concebe e desenvolve diversas ações de extensão universitária que reverberam não apenas na formação dos estudantes de Artes Visuais, mas também na comunidade acadêmica e na sociedade em geral.

Entre as iniciativas desenvolvidas, destaca-se a *residência artísticopedagógica*, que se configura como um programa de residência artística, mas com uma proposta singular. Ao contrário

de outros modelos, essa residência é voltada para a atuação de artistas e artistas-professores, integrando práticas artísticas e pedagógicas no campo das Artes Visuais com ênfase na formação inicial de artistas e docentes no contexto universitário. As residências artísticas, reconhecidas por seu papel como espaços de criação e produção em contextos diversos e distantes das rotinas habituais, proporcionam aos artistas a oportunidade de transcender os limites de seus ateliês e ambientes de trabalho convencionais. No cenário contemporâneo da arte, essas residências são fundamentais, pois promovem a troca de saberes e práticas entre os participantes, estabelecendo um diálogo fecundo entre diferentes contextos e espaços. Como observa Moraes (2014, p. 41), “a experiência da residência artística oferece ao artista uma condição espaço-temporal específica, privilegiada, destinada à criação e produção”, configurando-se, assim, como uma prática de partilha e aprendizado coletivo, em uma comunidade de criação.

A residência do Geepa integra o artístico e o pedagógico, não se tratando de uma articulação em que uma dessas dimensões sobreponha a outra ou se manifeste de maneira alternada, mas sim de uma conjunção simultânea em que ambas coexistem e se interrelacionam de forma integral. Nesse caso, os aspectos práticos artísticos e pedagógicos estão interrelacionados, integrados nas ações; não são pensados e articulados de maneira dualista. Isso se alinha à concepção de experiência de Dewey (2010), segundo a qual não existe uma separação dicotômica entre teoria e prática; ao contrário, esses elementos se entrelaçam, formando uma unidade indivisível que orienta o processo de experiência, aprendizagem e criação.

Segundo Wosniak e Lampert (2017), essa unidade confere flexibilidade e continuidade às interações, mas, sobretudo, reflete a junção entre o indivíduo e o meio, constituindo um todo, e não uma dualidade. A ideia de criatura viva, tal como proposta por Dewey (2010), reforça essa noção, considerando o ser humano em sua totalidade a partir da interação entre o ser (a criatura viva) e o seu ambiente. Dewey (2010) argumenta que, dentro deste contexto, a arte unifica a vitalidade e consciência na experiência humana, gerando experiências estéticas que aprimoram as inquietações humanas a partir das interações da criatura viva. Com base nesse entendimento, as ações do Geepa são orientadas por uma abordagem formativa que evita segmentações, promovendo a articulação entre criação artística, reflexão pedagógica e experiência estética como dimensões interdependentes de um mesmo processo. Desse modo, a *residência artísticopedagógica*, como o nome próprio indica, é pensada e representada de maneira a integrar os aspectos da prática artística em conjunto com as práticas pedagógicas no espaço de ensino universitário.

Em 2024, a *residência artísticopedagógica* foi realizada no segundo semestre, contando com a participação do artista residente Ivo Alexandre, em uma parceria entre o Geepa e o Projeto Piloto Mais (PP+). O PP+ estabelece cooperação acadêmica entre a FBAUL e a Udesc, com parceria firmada desde 2023⁶. Durante três meses, o artista Ivo Alexandre residiu na cidade de Florianópolis, desenvolvendo sua produção e pesquisa artística enquanto colaborava com atividades formativas vinculadas à disciplina Processos Pictóricos, ofertada aos cursos de licenciatura e bacharelado em Artes Visuais da Udesc. O plano de residência do artista incluiu ações voltadas ao compartilhamento de sua trajetória artística e de sua pesquisa autoral, com foco na apresentação de experiências e reflexões sobre seus processos investigativos e de criação. Em uma aula aberta, ele trabalhou conceitos como intuição, alquimia e magia, ligados ao seu processo de criação artística, articulando-os à concepção e aos processos da pintura na disciplina. Esses elementos conceituais foram mobilizados em diálogo e exercícios práticos durante três encontros com os estudantes de Processos Pictóricos (2024.2), resultando em trabalhos finais desenvolvidos ao longo do semestre (Figura 1).

⁶ A cooperação internacional entre a Udesc e a FBAUL tem origem na iniciativa da Capes, que, por meio do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), fomenta a realização de pesquisas com apoio financeiro a doutorandos do PPGAV/Udesc. Essa articulação internacional foi consolidada a partir das pesquisas desenvolvidas pela professora titular Dra. Jocielle Lampert e resultou na criação do PP+, vinculado à linha de investigação em prática artística. O projeto estabelece conexões com o CIEBA, integrando uma rede internacional de pesquisa voltada à prática artística em contexto acadêmico.

Evidencia-se, também, o contato do artista com as turmas de Processos Pictóricos, realizado em um espaço educacional formal. Destaca-se isso pelo fato de que essa experiência também se constituiu como relevante para o processo e compreensão do artista sobre o seu próprio processo em um contexto diferente do que está habituado, como a contribuição que sua interação com os estudantes teve, a partir do contato e trocas estabelecidas no espaço do ateliê. Um processo de via dupla, como Freire (2020) destaca, ensinando que a educação, o ensino e a aprendizagem são um processo para o autor de prática social e que só se aprende e ensina em conjunto, em sociedade.

Figura 1 – Registros do artista pesquisador Ivo Alexandre em ações da disciplina Processos Pictóricos, em 2024.2, e durante processo pictórico na paisagem, ambos durante a residência artísticopedagógica



Fonte: Acervo do Estúdio de Pintura do Apotheke.

Essa relação direta entre o artista pesquisador e as ações de ensino articuladas na universidade integra um movimento de aproximação entre prática artística e ensino-aprendizagem em pintura. Trata-se de uma proposta que valoriza a presença do artista no espaço formativo, compreendendo-o como sujeito que não apenas compartilha seus saberes e trajetórias, mas que também aprende em diálogo com os estudantes. Essa dinâmica estabelece uma rede de trocas em comunidade, onde a criação e a formação se dão de forma conjunta, sem dicotomias entre ensinar e aprender, fazer e refletir, em consonância com a perspectiva de experiência integrada proposta por John Dewey (2010).

3 IMERSÃO E O ADENSAMENTO DO PENSAMENTO CROMÁTICO: A PINTURA QUE PRECEDE A MANCHA

Além das ações já previstas no escopo da *residência artísticopedagógica*, como a participação do artista residente nas aulas da disciplina de pintura, ações de tutorias e encontros com grupo de ensino e pesquisa, saídas e visitas técnicas, nesta edição a residência realizada com Ivo Alexandre incorporou uma nova proposta que, desde então, passou a integrar as práticas formativas do Geepa: a imersão pictórica. Realizadas em pontos estratégicos da geografia do litoral sul de SC, essas imersões objetivaram e possibilitaram um adensamento dos conteúdos desenvolvidos ao longo dos anos no Geepa. Esses conteúdos integram, por exemplo, o estudo sistemático da cor, amplamente referenciado no grupo pelos quatro principais mestres da cor da

escola alemã Bauhaus — Johannes Itten (1888-1967), Paul Klee (1879-1940), Wassily Kandinsky (1866-1944) e Josef Albers (1888-1976).

Alguns mestres da Bauhaus, como Johannes Itten — professor e mestre da cor responsável por sistematizar o curso preliminar *Vorkurs* —, realizavam incursões e práticas na paisagem com o propósito de preparar corpo e mente dos estudantes em formação inicial, favorecendo uma compreensão mais aprofundada dos elementos naturais, da materialidade e das condições específicas de cada linguagem, antes da inserção no campo da expressão propriamente dita. O *Vorkurs* foi concebido como uma etapa introdutória essencial para todos os estudantes da Bauhaus, independentemente da especialização que seguissem posteriormente. De acordo com Rainer Wick (1989), o curso não se limitava ao desenvolvimento de habilidades técnicas, mas priorizava a sensibilização perceptiva e o estímulo a uma postura experimental diante dos materiais e das formas. Introduzido por Itten, o *Vorkurs* envolvia exercícios de observação, estudos de contraste e explorações com cor, forma e textura, com o intuito de preparar os estudantes para uma aprendizagem artística integral, ancorada na experiência direta e sensível dos fundamentos da linguagem visual. Antes da representação, da construção ou reconstrução plástica dos objetos, tornava-se necessário sentir, perceber e extrair elementos da paisagem, de modo que esta pudesse ser incorporada — e efetivamente vivida — no processo expressivo de cada estudante.

Assim como Itten, buscamos experienciar a paisagem de forma sensível. Por meio de um exercício de imersão corporal e atenção interior, idealizou-se, como gesto inicial, a prática da respiração consciente⁷, favorecendo a presença plena do sujeito e a percepção de si como parte ativa do corpo que adentra a paisagem (figuras 2 e 3). Através dos nossos corpos dotados de aparatos sensoriais, despertos em uma postura atenta e crítica, atuou-se de maneira investigativa ao percorrer os espaços, mobilizando e viabilizando condições para a experimentação artística nos diálogos estabelecidos com o ambiente. A partir disso, foi possível coletar manchas, texturas, formas e sentir a pintura narrada pela paisagem.

Figura 2 – Participantes da imersão pictórica realizando exercícios de respiração e incursão na paisagem no Parque Municipal do Rio Vermelho, em Florianópolis



Fonte: Acervo do Estúdio de Pintura do Apotheke.

Os estudos de contraste e os diversos elementos cromáticos incorporados à nossa prática, a partir das investigações com Albers e Itten (1975), quando colocados em diálogo com a tradução da paisagem por meio de exercícios tencionados pelo fazer artístico, ativam modos sensíveis de percepção e elaboração visual que expandem a experiência estética e investigativa do ambiente. Itten (1975) pontua: para que um sentimento genuíno se manifeste numa linha ou mancha, ele deve, antes de tudo, vibrar no próprio artista criador. Braço, mão, dedos — e, por fim, todo o corpo — precisam estar imbuídos dessa sensação. Essa entrega ao trabalho exige tanto concentração quanto uma postura mental relaxada (Itten, 1975). Na prática pictórica, por exemplo, dinâmicas compositivas, matizes e nuances cromáticas podem ser percebidos de maneira mais consciente em

⁷ Exercícios de respiração propostos no livro *Mazdaznan Health & Breath Culture* (Cultura de Saúde e Respiração Mazdaznan, tradução nossa), de Otoman Zar-Adusht Ha'nish. Johannes Itten adotou os exercícios de respiração do livro de Otoman Zar-Adusht Há'nish, relacionado aos ensinamentos de Mazdaznan, que buscava uma harmonia entre corpo e mente por meio de um estilo de vida que combinava exercícios de respiração, dieta vegetariana e exercícios físicos. Incorporou em suas práticas dentro da Bauhaus, em seu curso preliminar *Vorkurs* (Ha'nish, 2012).

virtude da fusão entre o saber teórico e um olhar atento, ancorado em uma investigação da paisagem que combina contemplação e ação de um corpo consciente no espaço.

Figura 3 – Registros da Imersão Rio Vermelho, realizada no Parque Municipal do Rio Vermelho e na Praia do Moçambique, em Florianópolis



Fonte: Acervo do Estúdio de Pintura do Apotheke.

Nessa prática direcionada, compreende-se que a pintura é concebida em todas as fases da imersão, distinguindo-se da pintura de ateliê por seu constante diálogo com o ambiente. A luz é intensa e sujeita a mutações contínuas, enquanto as sombras se intensificam e se dissipam. Os movimentos e as escolhas da paleta dos participantes são orquestrados pelas variações do meio. A autoria da imagem torna-se compartilhada, estabelecendo-se entre as intervenções de quem imerge por meio do pincel e a receptividade do espaço da imersão, que oferece luz, cor e matéria viva aos olhos que contemplam e pintam a cena em estado de metamorfose.

Compreende-se, portanto, que o estudo cromático, quando direcionado ao deslocamento e à investigação na paisagem, adquire uma nova dimensão — um estreitamento evidente entre a teoria e a experimentação prática realizada no local. Evidencia-se que se trata de um processo pictórico, ou de práticas artísticas, que tem o seu início muito antes de sua construção formal, antes até da preparação de materiais, das tintas. Perceber os contrastes cromáticos predominantes na cena, a vibração dos matizes e escolher os enquadramentos de estudo são indicativos de uma pintura que se inicia antes da pincelada: nasce da percepção, nasce de um corpo imerso e tomado de consciência.

4 IMERGIR: ADENTRAR A PAISAGEM COMO EXPERIÊNCIA FORMATIVA E ESTÉTICA

A iniciativa da imersão pictórica está diretamente vinculada às práticas e concepções desenvolvidas pelo Geepa, pela articulação integrada entre prática artística e prática pedagógica, fundamentando-se em experiências vividas. Entre os princípios que orientam essa abordagem estão a compreensão da sala de aula como um ateliê expandido, a valorização da experiência por meio do fazer/agir/sentir e o entrecruzamento entre criação artística, ensino e pesquisa em Artes Visuais.

Concebida como um dos eixos centrais das atividades da residência artísticopedagógica no contexto da residência do artista Ivo Alexandre, essa ação consistiu em encontros de incursão e prática artística realizados em diferentes paisagens e contextos, promovendo momentos de criação compartilhada entre os integrantes do grupo de estudos e o artista residente. As três imersões pictóricas, em paisagens do estado de SC, realizadas em parceria com o artista residente, propuseram um olhar aprofundado nos processos pictóricos, articulando o fazer artístico à experiência direta com os elementos estéticos e poéticos coletados em cada local.

O termo “imersão”, em sua acepção original, remete ao ato ou efeito de imergir — de mergulhar profundamente em algo. Em um sentido mais amplo, passa a indicar um estado de envolvimento intenso com uma atividade ou experiência, caracterizado pela atenção plena e pela participação ativa. É sob essa perspectiva ampliada que se propõe a reflexão sobre a imersão como prática formativa no campo pictórico. No contexto da residência artísticopedagógica, imergir é mais do que observar: é estar presente de forma sensível, pensar e agir de modo crítico, criando diálogos com o ambiente. Assim, a aprendizagem se dá na experiência vivida, mediada pela experiência estética e pela troca com o outro e com os espaços investigados, contribuindo para a formação artística e pedagógica dos participantes.

Dessa maneira, a prática artística assume um papel central no processo de formação do(a) artista-professor(a)-investigador(a), sendo compreendida não apenas como preparação para a atuação enquanto artista, mas como componente essencial para a constituição dos modos de ensinar em artes. Proporcionar múltiplas formas, abordagens e possibilidades por meio dessa experiência na prática se revela fundamental para a formação crítica e sensível do modo como habitamos o mundo, aprendemos e ensinamos.

A partir disso, o objetivo central dessa perspectiva é articular as experiências e aprendizados dos processos criativos aos processos pedagógicos, favorecendo o ensino de narrativas poéticas e a construção de pensamentos visuais e reflexivos sobre o ensino de Artes Visuais a partir dos saberes e fazeres que emergem da prática do(a) artista-professor(a). A prática artística é compreendida como um fazer criativo, em que a reflexão crítica e a produção visual se entrelaçam por meio da experimentação, possibilitando reflexão e:

[...] apropriando-se do próprio campo da criação das Artes, através da imersão do processo criativo, possibilitando a vivência e a experimentação [...]. Suscitando, dessa forma, o encontro com a poética para propiciar experiências que para o caminho da diferenciação, visto como relevante na formação docente (Facco, 2018, p. 105).

Nesse contexto, a ação de imersão pictórica, integrada à residência artísticopedagógica, oferece aos participantes não apenas a oportunidade de vivenciar processos criativos, mas também de refletir sobre suas próprias poéticas visuais. Essa experiência reverbera na constituição de saberes, experiências e práticas que atravessam tanto a produção artística quanto a atuação educativa, promovendo uma formação em que criação e ensino se entrelaçam de forma indissociável para a formação artística e de artistas-professores.

5 O MERGULHO NAS PAISAGENS: IMERSÕES PICTÓRICAS

As imersões pictóricas ocorreram em três momentos distintos: Praia Central, em Garopaba/SC, Praia da Armação e o Parque Municipal do Rio Vermelho com a Praia do Moçambique (a qual integra o parque), em Florianópolis/SC (Figura 4). Esses locais foram escolhidos por fornecerem uma gama de possibilidades de espaços, assim como diferentes condições para a exploração da pintura na paisagem. Os encontros proporcionaram ao artista residente Ivo Alexandre um mergulho sensível nas paisagens locais, estimulando seu processo criativo e investigativo. Paralelamente, ofereceram aos integrantes do grupo uma prática coletiva, um espaço dedicado à experimentação e à investigação de suas poéticas individuais.

Figura 4 – Banners de divulgação. Imersão pictórica



Fonte: Acervo do Estúdio de Pintura do Apotheke.

A prática da imersão pictórica está profundamente embriçada nas concepções desenvolvidas pelo Geepa, pois, em sua essência, “representa a busca por pesquisas ancoradas na paisagem da experiência artística, que pode gerar outras instâncias de produção e reflexão, tendo de deambular sobre a paisagem da Arte e Arte Educação” (Lampert, 2014, p. 7). Além disso, “a experiência em saber/fazer, que atravessa a construção da subjetividade docente, é o que tem movido a produção de sentido elaborada pelo grupo” (Lampert, 2014, p. 9). Nesse sentido, para o grupo, o aspecto da *práxis* é fundamental para desencadear processos tanto de práticas artísticas quanto docentes.

A imersão pictórica se insere nesse contexto, integrando o grupo de estudos que transcende o âmbito teórico para incorporar a prática, permitindo que, por meio dessas ações, se promovam processos de diálogo e reflexão sobre arte e arte-educação. Sua base está ancorada em um conjunto complexo de práticas que envolvem o saber-fazer, a autorreflexão e os contextos socioculturais e históricos, além das dimensões pedagógicas e artísticas, conforme enfatizado por Lampert (2014).

No âmbito dessa prática coletiva, cada participante aprofundou suas próprias investigações artísticas durante as imersões. A primeira delas ocorreu nas paisagens da cidade de Garopaba/SC, configurando-se como um exercício de olhar sensível, percepção crítica e atenção reflexiva. Os participantes foram convidados a vivenciar a prática do *en plein air* (pintura ao ar livre), explorando suas potencialidades e desafios. Diferentemente da prática em ateliê, a pintura ao ar livre requer do artista uma constante adaptação às condições ambientais — espaço, temporalidade e incidência luminosa —, fatores que não se encontram sob seu controle direto.

Durante a prática de *en plein air*, cada participante buscou, a partir de seu próprio olhar, captar as nuances da paisagem e traduzi-las em cores e formas, num gesto de escuta visual e sensível (Figura 5). O momento exigia concentração e presença, especialmente porque se tratava do final da tarde — instante em que a luz, em constante mutação, impunha desafios à percepção cromática e à construção da paleta pictórica. Essa condição atmosférica, que modifica continuamente a cena observada, esteve presente nas três paisagens escolhidas: Garopaba, Armação e Rio Vermelho. Trata-se, portanto, de um dos primeiros aprendizados emergentes dessas imersões artísticas: estar atento, consciente e sensivelmente presente no espaço e na paisagem, compreendendo que a prática do *en plein air* é, antes de tudo, uma experiência de escuta do tempo, da luz e da matéria.

Figura 5 – Participantes da imersão pictórica no processo de pintura ao ar-livre na paisagem de Garopaba/SC, em 2024



Fonte: Acervo do Estúdio de Pintura do Apotheke.

A prática da pintura em diferentes paisagens configura-se como um exercício sensível do olhar, que extrapola a mera observação e tradução das cenas e elementos visuais para incorporar conhecimentos específicos do campo pictórico, como cor, composição e construção poética de sentidos. Esses saberes são continuamente acionados e colocados à prova no ato de pintar, especialmente em situações de *en plein air*. A escolha e a mistura das cores, assim como a gestão do tempo de execução, tornam-se decisões cruciais, fazendo da experiência um território de experimentação e aprendizado contínuo.

Essa vivência estética e técnica reverbera nas práticas docentes dos(as) artistas-professores(as), uma vez que os saberes construídos na experiência prática se transformam em conhecimento partilhado. Esse processo de reflexão conceitual sobre a prática artística amplia o modo de pensar, agir e sentir os processos e os modos artísticos e sobre o ensino em arte. No contexto pedagógico, esses saberes se desdobram em metodologias que instigam os estudantes também a pensar e agir com base em experiências sensíveis, ampliando o campo da aprendizagem para além do conteúdo formal e promovendo um ensino que é, ao mesmo tempo, gesto, reflexão e criação.

Lampert (2014) destaca que esse processo se dá pela experiência estética com as práticas artísticas e com o processo de pesquisa e produção poética, que geram experiências singulares. A autora destaca o trabalho de Graeme Sullivan (1951-), que evidencia que o campo da arte-educação não apenas deve se apoiar em outros campos de conhecimento, mas também nos próprios do domínio da arte, destacando a prática artística como fundamental, pois permite a criação de sentido, relação do indivíduo com o meio pela arte.

Portanto, essa experiência, desenvolvida ao longo de dois dias, resultou na exposição intitulada *Quem quer morrer primeiro?*, realizada na Galeria Rancho 29, em Garopaba (Figura 6). A exposição constituiu o ponto culminante da imersão pictórica e da residência artísticopedagógica, cujo objetivo central era a prática coletiva em um espaço e tempo determinados, promovendo um mergulho na paisagem para a produção artística *in loco*. A imersão para o grupo ocorreu durante três dias intensos, período em que os participantes se dedicaram à experiência conjunta e ao desenvolvimento de suas produções no local. Essa experiência resultou da articulação entre a produção do artista residente Ivo Alexandre e da professora Jociele Lampert,

ambos previamente engajados com a cidade para suas criações e que, posteriormente, estenderam essa prática ao grupo todo, e foi fruto da articulação entre o Geepa e o CIEBA da FBAUL pelo PP+, que objetiva a internacionalização, pesquisa e estudos sobre prática artística em contexto acadêmico.

O título da exposição apresenta uma reflexão aprofundada sobre o espaço da cidade e a localização da Galeria Rancho 29, situada na área histórica de Garopaba. A galeria ocupa um lugar liminar, com entrada voltada para a rua e fundos abertos para a praia, evidenciando a noção de “entre-meio” e o conceito de pontos extremos. Essa condição espacial remete também à dualidade entre vida e morte, uma vez que Garopaba foi, historicamente, um local de pesca de baleias, cujos vestígios ósseos ainda podem ser encontrados na praia.

Figura 6 – Exposição *Quem quer morrer primeiro?*, com pinturas realizadas durante a imersão em Garopaba/SC, em 2024



Fonte: Acervo do Estúdio de Pintura do Apotheke.

A partir dessas relações simbólicas, emerge o nome da exposição *Quem quer morrer primeiro?*, que evoca a ideia de passagem, de liminaridade e de tensão entre extremos — metáfora para a relação dialética entre vida e morte, presença e ausência. Esse título propõe uma suspensão crítica diante do ritmo acelerado da contemporaneidade, marcada pela produtividade incessante, pela velocidade das informações e pelo constante entretenimento, anestesiando frequentemente a sensibilidade para a vida, para a paisagem e para a experiência compartilhada em comunidade.

6 MERGULHO NA PRÁTICA ARTÍSTICA: INVESTIGAÇÃO E PROCESSO CRIATIVO COMO FORMAÇÃO

A prática artística consiste em um fazer que, segundo Marie J. Jacob (2018), configura-se como uma forma profunda de agir no mundo. Reconhecer que toda prática artística envolve um trabalho de pesquisa, ainda que esta não se manifeste necessariamente por meio de uma produção acadêmica formal, é essencial para compreendê-la como um campo legítimo de investigação. Essa perspectiva amplia o entendimento da prática como um processo que articula exploração, produção de conhecimento e modos de fazer e de pensar a arte, evidenciando sua potência formativa e crítica.

A prática artística pode ser situada como pesquisa em si não apenas por seus resultados visíveis, mas pelos caminhos sensíveis e reflexivos que percorre. Como enfatizam Bragagnolo e Sanchez (2022, p. 3), trata-se de “gestos que antecedem e acompanham todas as etapas do processo do fazer artístico”. Nessa compreensão, o fazer artístico não apenas gera obra, mas produz pensamento e experiência, constituindo um espaço potente de construção de saberes estéticos,

poéticos e pedagógicos em profunda articulação com os processos formativos dos sujeitos envolvidos.

A pesquisa artística, como se desenvolve no âmbito da residência artísticopedagógica e da imersão pictórica do Geepa, está profundamente ancorada no processo, no ato de fazer e experienciar, mais do que na busca de um produto final. Embora a materialização do trabalho artístico tenha sua importância, é no caminho, no percurso criativo, que residem as potências formativas. A prática artística sustenta-se numa postura de escuta, flexibilidade, intuição e abertura, que permite aos sujeitos experimentarem diferentes modos de pensar — conceituais, simbólicos e metafóricos (Pereira; Sá, 2021). Como afirmam Pereira e Sá (2021), a prática artística envolve processo de trabalho, produção discursiva e resultados, pela experiência e conhecimentos, que partem da investigação da prática artística e do processo de criação.

Nesse contexto, a prática artística se configura como campo de produção de conhecimento, operando na intersecção entre fazer e aprender. As experiências vividas na imersão pictórica, realizadas em diálogo com o artista residente e com a paisagem, evidenciam esse entrelaçamento. Trata-se de uma prática que articula dimensões estéticas, pedagógicas e sensíveis, em consonância com a concepção de experiência proposta por Dewey (1979), em que o aprendizado emerge da continuidade entre vivência e reflexão. Assim, a prática artística, quando compreendida como pesquisa, favorece a construção coletiva de saberes e modos de ser no mundo, instaurando um campo de formação em que criação e educação não se separam, mas coexistem como uma unidade viva, gerando aprendizados que contribuem para novas experiências. Em Dewey (1979, p. 129):

O juízo formado é uma decisão: encerra, conclui a questão solucionar. Essa decisão não só resolve um caso particular, como também contribui para fixar uma norma, um método para resolver circunstâncias análogas [...]. Se a interpretação firmada não for contrariada por acontecimentos posteriores, tenderá a repetir-se em casos cujos aspectos não sejam tão evidentemente diferentes que a tornem inadequadas.

Desse modo, cada experiência vivida e refletida no processo artísticopedagógico pode constituir-se como uma forma de orientação para ações futuras, consolidando práticas que, mesmo situadas no sensível, operam como referenciais na formação de professores e artistas ao ampliar repertórios, modos de ver e de fazer, dentro e fora do estúdio de pintura. Essa experiência propicia a reorganização dos saberes e das ações, favorecendo o desenvolvimento de novas interpretações e estratégias. Ao promover uma experiência profunda e sensível, que envolve imergir ativamente no processo criativo e nos espaços, a imersão desafia a simples repetição de métodos consolidados, abrindo espaço para a reflexão crítica e a experimentação de desafios no campo do fazer artístico e, principalmente, dos processos pictóricos.

A ideia de ser artista-professor(a) também embasa a concepção e reflexão sobre a prática artística como uma maneira de se pensar o ensino de artes (Lampert, 2014). Ademais, dentro do Geepa, esse fazer visa a articulação da produção de conhecimentos com a prática artística e suas experiências estéticas, perpassando por pesquisa e produção poética em busca de experiências singulares a partir da expressividade, planejamento, experimentação que integram a prática artística. Isso mobiliza saberes teórico-práticos, segundo a artista-professora pesquisadora Jociele Lampert (2014).

Conforme a autora, esse fazer e interpretar arte são as bases da construção de teorias e do saber artístico. Os métodos das práticas artísticas não são apenas fundamentais, mas devem também se constituir como base para o crescimento do campo da arte, de acordo com Sullivan (2005), para questões teóricas, mas, sobretudo, como local viável e relevante para a ampliação sobre ideias educacionais. A prática artística do(a) artista-professor(a) permite a ele mergulhar em seu modo poético e singular e expressar seu olhar sobre o mundo, mas, sobretudo, ter a percepção desse olhar. Eis o que se busca com a prática artística: o olhar do(a) artista-professor(a). O fazer artístico é o caminho para o processo criativo, como o “mergulho na experiência de seu próprio pensamento plástico” (Lampert, 2014, p. 8).

No contexto da imersão pictórica, a prática compartilhada com o(a) artista residente constitui um convite para que futuros artistas-professores — estudantes de graduação e pós-graduação em Artes Visuais, bem como de outras áreas — mergulhem em seus processos criativos, explorando diferentes contextos e paisagens, sejam eles espaciais, processuais ou conceituais. Essa experiência estimula o exercício da percepção sensível, assim como modos singulares de pensar e fazer arte, valorizando as particularidades de cada participante.

O processo da prática artística deve ser vivido intensamente, pois, como afirma Marie J. Jacob (2018, p. 3, tradução nossa), “o fazer nos traz de volta aos sentidos, sensações e experiências”. A arte, enquanto prática estética, colabora para a formação da experiência vital, pois, segundo a autora, possui o poder de inspirar a criação de significados para o senso de ser, possibilitando uma ação mais consciente no mundo (Jacob, 2018). Esse processo artístico é contínuo, não linear, marcado pela flexibilidade e abertura para novas continuidades, reafirmando seu caráter dinâmico e transformador.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou e explorou o conceito de *residência artísticopedagógica* e a prática de imersão pictórica, idealizados e desenvolvidos pelo Geepa. Essas ações atuam como espaços de encontro e formação, em que se estabelece uma relação profunda e direta entre o corpo, paisagem e prática artística, crítica e reflexiva. O ato de imergir, nesse contexto, não se limita a uma mera transposição do estúdio/ateliê para o exterior, mas configura-se como uma prática ampliada que transcende os limites tradicionais do espaço criativo, deslocando-o para o território de uma paisagem viva. Nesse novo campo, o artista não é apenas um observador passivo, mas um agente ativo que, ao interagir com o meio, torna-se parte dele e engaja-se de maneira sensível e reflexiva na construção de suas vivências e experiências nestes contextos. O deslocamento físico e a imersão sensorial não são apenas condições de criação, mas gestos fundamentais que imbricam a percepção e a expressão visual com pensamento crítico, tornando-as inseparáveis em um processo de investigação contínua e reflexiva.

Assim, a imersão pictórica apresenta-se não como um simples ato de representação, mas como um exercício de exploração profunda do corpo na paisagem e os potenciais criativos desse encontro. A paisagem, ao ser vivida e experimentada em sua totalidade, não se limita a ser um mero objeto observado; ela se amplia, tornando-se campo fértil para percepção e reflexão no qual o(a) artista-professor(a) mergulha, questiona e reinventa seus modos de fazer, sentir e agir nos mundos em que habita. A criação, nesse espaço é simultaneamente um ato de abertura ao aprendizado e de conexão, em que o corpo do(a) artista-professor(a) torna-se paisagem/passagem no aprendizado de seu próprio processo de criação.

A prática de imersão pictórica configura-se como um processo dinâmico e contínuo, no qual a arte se nutre das experiências. Ao deslocar a criação para a interação direta com o ambiente, o processo criativo se amplia, ultrapassando os limites do ateliê e permitindo que o(a) artista e artistas-professores se engajem de maneira profunda com o mundo e com suas inquietações. No ato de imergir, o fazer artístico — a pintura — se distancia de uma mera representação técnica do mundo, das coisas e das paisagens que envolvem os(as) artistas e artistas-professores(as), tornando-se ação, tomada de consciência da vida e de sua finitude. A exploração sensorial e conceitual integra-se à materialidade não só pela tinta, mas por todo vestígio de paisagem percorrida.

A pesquisa como prática artística, nesse cenário, não é apenas um caminho de criação, mas um processo formativo que contribui para o desenvolvimento do(a) artista-professor(a). A experiência estética, ao redefinir o fazer artístico, propõe uma prática que transcende a produção de obras e gera novos significados sobre o ser e estar no mundo. Assim, compreende-se a arte como um processo emergente da interação constante entre o sujeito e o ambiente, profundamente enraizado na experiência e em sua concretude (Dewey, 2010). Nesse contexto de imersão em conjunto e reciprocidade, busca-se tensionar e acionar essas questões pela experiência estética

presente na prática artística. Portanto, as residências artísticopedagógicas, ao integrar esses elementos, oferecem um território de percepções, tensionando um campo de experiência ativa e compartilhada, aberto para outras continuidades.

Referências

- BRAGAGNOLO, B.; SANCHEZ, L. P. Pesquisa artística no Brasil: mapas, caminhos e trajetos. *Revista Orfeu*, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 2-29, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5965/2525530407022022e0102>. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/21148>. Acesso em: 10 jun. 2026.
- DAICHENDT, J. Artista professor-tradução: Fábio Wosniak. *Revista Apotheke*, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 158-192, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5965/2447267222016158>. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/8490>. Acesso em: 10 jun. 2026.
- DEWEY, J. *Como pensamos*: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo. São Paulo: Nacional, 1979.
- DEWEY, J. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- EISNER, E. W. Estrutura e mágica no ensino da Arte. In: BARBOSA, A. M. (org.). *Arte-educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 79-94.
- FACCO, M. A aula ateliê no contexto da formação inicial do professor de Artes Visuais. *Revista Apotheke*, Florianópolis, v. 4, n. 3, p. 102-110, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/24471267432018102>. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/14551>. Acesso em: 10 jun. 2026.
- FORTIN, S.; GOSSELIN, P. Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico. *Art Research Journal*, Natal, v. 1, n. 1, p. 1-17, 2014. DOI: <https://doi.org/10.36025/arj.v1i1.5256>. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5256>. Acesso em: 10 jun. 2026.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- HA'NISH, O. Z. *Mazdaznan Health and Breath Culture*. London: Open Editions, 2012.
- ITTEN, J. *The elements of color*. [S. l.]: Wiley, 1975.
- JACOB, M. J. *Dewey for artists*. Chicago: University of Chicago Press, 2018. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/5ae11437cef372a489af8b9e/t/5c6dccc6652dea66bcd6dce1/1550699734450/7.+mary-jane-jacob-dewey-for-artists.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2026.
- LAMPERT, J. *Pesquisa de prática artística em arte e arte educação*. [S. l.]: [s. n.], 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/21968749/Pesquisa_de_pratica_artistica_em_Arte_e_Arte_Educacao_Anped_Fpolis_2014. Acesso em 23 de maio de 2025.
- MORAES, M. Residência artística: especificidades da pesquisa/produção. In: VASCONCELOS, A.; BEZERRA, A. (org.). *Maapeamento de residências artísticas no Brasil*. Rio de Janeiro:

Funarte, 2014. p. 41-51.

PEREIRA, T. M.; SÁ, K. Espaço poético: conceito, prática e conhecimento artístico. In: LÓPEZ, P. V. S.; JUSTE, M. R. I. (org.). *Refliones multidisciplinar para el tratamiento de la competencia artística y la formación cultural*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2021. p. 155-166.

SHUSTERMAN, R. *Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular*. São Paulo: Editora 34, 1998.

SULLIVAN, G. *Art Practice as Research: inquiry in the visual arts*. [S. l.]: Sage Publications, 2005.

WICK, R. *Pedagogia da Bauhaus*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WOSNIAK, F.; LAMPERT, J. Sobre o ensino das artes visuais: o estúdio de pintura como laboratório. *Revista Apotheke*, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 106-116, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/24471267312017106>. Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/9492>. Acesso em: 10 jun. 2026.

Submissão: 15/12/2025

Aprovação: 22/05/2026

